



O RACISMO

A CRUZ E O CRISTÃO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Piper, John

O racismo, a cruz e o cristão : a nova linhagem em Cristo / John Piper ; tradução Marisa K. A. de Siqueira Lopes. – São Paulo : Vida Nova, 2012.

Título original: Race, Cross and the Christian.

ISBN 978-85-275-0492-8

1. Discriminação racial - Aspectos religiosos - Cristianismo
2. Igrejas e minorias 3. Reconciliação - Aspectos religiosos
- Cristianismo I. Título.

12-01388

CDD-270.089

Índices para catálogo sistemático:

1. Discriminação racial : Aspectos religiosos :
Cristianismo 270.089

O RACISMO

A CRUZ E O CRISTÃO

A NOVA LINHAGEM EM CRISTO

JOHN PIPER

PREFÁCIO DE TIM KELLER

TRADUÇÃO

MARISA K. A. DE SIQUEIRA LOPES



VIDA NOVA

Copyright © 2011, Desiring God Foundation
Título original: Bloodlines: Race, Cross, and the Christian
Traduzido da edição publicada pela Crossway,
Publishing Ministry of Good News Publishers
Wheaton, Illinois 60187, EUA.

1.^a edição: 2012

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA, Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970.
www.vidanova.com.br/e-mail: vidanova@vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em citações breves com indicação de fonte.

ISBN 978-85-275-0492-8

Impresso no Brasil/*Printed in Brazil*

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Marisa K. A. de Siqueira Lopes

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

REVISÃO DE PROVAS

Ubevaldo G. Sampaio

DIAGRAMAÇÃO

Kelly Christine Maynarte

CAPA

Josh Dennis

Vania Carvalho (adaptação)

Todas as citações bíblicas, salvo indicação contrária, foram extraídas da versão Almeida Século 21, publicada no Brasil com todos os direitos reservados por Edições Vida Nova.

Para
Talitha Ruth
Filha por amor e pela lei,
irmã na Grande Linhagem

SUMÁRIO

Apresentação	11
Prefácio.....	13
Uma nota ao leitor a respeito de raça e racismo.....	17

PARTE 1

NOSSO MUNDO: A NECESSIDADE DO EVANGELHO

Introdução

Martin Luther King Jr.: como foram as coisas para aqueles que não estavam lá?	23
---	----

SEÇÃO 1

Minha história, minha dívida, meu mundo: por que escrevi este livro

Capítulo 1

Minha história: de Greenville a Belém	31
---	----

Capítulo 2

O evangelho que amo, a dívida que tenho, a igreja a que sirvo	43
---	----

Capítulo 3

As mudanças globais e a nova face da igreja	51
---	----

SEÇÃO 2

Negros, brancos e o sangue de Jesus

Capítulo 4

Por que este livro dá destaque às relações entre negros e brancos	59
---	----

Capítulo 5

Responsabilidade pessoal e intervenção sistêmica	71
--	----

Capítulo 6

O poder do evangelho e as raízes do conflito racial	91
---	----

PARTE 2

A PALAVRA DE DEUS: O PODER DO EVANGELHO

Introdução

William Wilberforce: a importância da doutrina e do compromisso “coronário”.....	115
--	-----

SEÇÃO 1

A realização do evangelho

Capítulo 7

A missão de Jesus e o fim do etnocentrismo.....	123
---	-----

Capítulo 8

A criação de uma nova humanidade pelo sangue de Cristo.....	129
---	-----

Capítulo 9

Comprados para Deus de toda tribo.....	137
--	-----

Capítulo 10

Todos os povos justificados do mesmo modo	155
---	-----

SEÇÃO 2

A aplicação do evangelho

Capítulo 11

Morrendo com Cristo pela causa da diversidade que exalta a Cristo.....	167
--	-----

Capítulo 12

Vivendo em sintonia com a liberdade do Evangelho.....	177
---	-----

Capítulo 13

A lei da liberdade e o perigo da parcialidade	189
---	-----

SEÇÃO 3

O propósito final do evangelho

Capítulo 14

Por que a diversidade e a harmonia racial valem a morte de seu Filho?.....	201
--	-----

SEÇÃO 4

Duas questões: casamento inter-racial e preconceito

Capítulo 15

Casamento inter-racial211

Capítulo 16

Probabilidade, preconceito e Cristo227

Conclusão

Confissão, exortação e apelo237

APÊNDICES

Apêndice 1

Existe uma coisa chamada raça?

Uma palavra sobre terminologia245

Apêndice 2

A soberania de Deus e a dinâmica da alma negra:

teologia teocêntrica e a experiência negra nos Estados Unidos.....253

Apêndice 3

Como e por que a Bethlehem Baptist Church [Igreja Batista Bethlehem]

busca a diversidade étnica271

Apêndice 4

Quais são as implicações da maldição de Noé?.....279

Bibliografia285

APRESENTAÇÃO

Fiquei entusiasmado quando soube que John Piper estava escrevendo um livro sobre raça e o evangelho da cruz. Quando ele me concedeu o privilégio de ler o original, eu simplesmente devorei o que ele tinha escrito e descobri que, apesar de minhas expectativas serem altas, eu não tinha me desapontado. Pessoal e teologicamente falando, o que ele havia escrito me ajudava muito (a compreender a relevância do evangelho para o conflito racial), além de me ser bastante encorajador pensar que muitos do mundo evangélico também leriam aquilo.

Tanto John Piper quanto eu mesmo tínhamos idade suficiente para lembrar a cumplicidade de igrejas e instituições evangélicas diante do racismo sistemático que havia nos Estados Unidos antes do movimento dos direitos civis. Veja, por exemplo, minha primeira igreja em uma pequena cidade no sul do país, no início dos anos 1970. A justiça proferiu uma decisão no sentido de que a piscina pública — que era mantida com o dinheiro dos contribuintes e cuja frequência era permitida apenas para brancos — deveria ser aberta a todos. Sabem o que a administração municipal fez? Fechou a piscina em definitivo, e a população branca da cidade construiu uma piscina particular e fundou um clube, o qual, evidentemente, não era obrigado a admitir minorias raciais. E eu, sendo um pastor ainda jovem, recebia convites para nadar nessa piscina com minha família, e de fato frequentei-a várias vezes, sem estar realmente ciente do que aquela piscina simbolizava.

Uma das razões pelas quais creio que este livro é tão importante é pelo fato de que evangélicos conservadores (especialmente os brancos) parecem ter se tornado mais indiferentes ao pecado do racismo ao longo da vida. Por quê? Uma das razões, evidentemente, é a obstinação do coração pecador. Nunca queremos ouvir sobre o que está errado em nós. Outro fator pode ser cultural. Muitos fizeram do racismo e do preconceito praticamente a única coisa que eles ainda chamam de “pecado” e em geral lançam a culpa pelo pecado do racismo no colo daqueles que são politicamente conservadores. Em função disso, muitos dos que se identificam como conservadores nem querem mais ouvir falar em racismo. Eles reconhecem, da boca para fora, que o racismo é pecado, mas associam qualquer tipo de denúncia consistente do racismo a sistemas de pensamento liberais ou seculares. O livro de Piper, este que você tem nas mãos, é um poderoso antídoto para esse tipo de equívoco. A motivação do autor é

simplesmente, como um proclamador da Palavra, trazer à luz o que Deus diz com relação à raça e ao racismo.

Este livro ajudará a igreja de muitas formas no que diz respeito à sua luta contra o pecado do racismo. Primeiro, Piper nos mostra as passagens bíblicas que falam mais diretamente à questão da raça. Entretanto — e isso foi o que mais me ajudou —, ele não para por aí. Ele passa então a analisar as doutrinas e os temas mais centrais da nossa fé e a mostrar as implicações de cada um deles para nossa compreensão de raça. Piper demonstra como a proclamação do reino feita por Jesus, sua expiação substitutiva e as doutrinas da conversão, da união com Cristo e da justificação pela fé transformam nossa atitude em relação à nossa própria raça e cultura, bem como em relação aos outros que pertencem a outras raças e culturas.

Jamais me esquecerei do modo como um dos presbíteros de minha primeira igreja, que vinha crescendo no entendimento do evangelho e da cruz de Cristo, me disse certa vez: “Sabe, agora percebo que fui racista durante toda a minha vida”. Eu nunca falei com ele sobre racismo, mas, à medida que estava se aprofundando na teologia da graça, ele mesmo fez as correlações. Devo confessar que nem todos nós alcançamos essa mesma percepção, e é por isso que precisamos deste livro. Permita que John Piper faça essas correlações para você.

Tim Keller
Fevereiro de 2011

PREFÁCIO

À medida que me preparo para entregar esta obra a um mundo de discórdia étnica e racial, agradeço a Deus por ele ter falado. Não fomos deixados por nossa própria conta e risco. Nós, seres humanos, nunca tivemos em nós mesmos a capacidade de amar uns aos outros para além das fronteiras étnicas. Há muito egoísmo em todos nós para isso.

Contudo, Deus nos disse o que devemos fazer. E nos enviou seu Filho, Jesus Cristo, para fazer aquilo que não podíamos e renovar nossas forças para fazer o que devemos. Sua morte por nós, assim como seu Espírito em nós, faz uma enorme diferença.

Deus nos disse para não matar (Êx 20.13). Ele nos disse para amar o próximo como a nós mesmos (Lv 19.18; Gl 5.14) — inclusive o próximo que seja um inimigo (Mt 5.44). Ele nos disse para fazer o bem a todos (Gl 6.10) — inclusive aos que nos odeiam (Lc 6.27). Disse-nos para sermos pacificadores (Mt 5.9) e tratarmos os outros do mesmo modo como gostaríamos de ser tratados (Mt 7.12).

Revelou-nos que todo ser humano é criado à imagem de Deus (Tg 3.9). Ele nos mostrou que todos nós viemos do mesmo Pai e, portanto, somos aparentados por sangue (At 17.26). E deixou bem claro que, quando seu Filho morreu na cruz por nossos pecados, ele, com seu sangue, comprou para Deus homens de toda tribo, língua, povo e nação (Ap 5.9). Logo, a harmonia racial é uma questão de sangue, e não somente social.

Deus falou e também agiu. Ele entrou neste mundo na pessoa de seu Filho. Sua palavra, sua ação e sua encarnação são o fim da arrogância étnica para aqueles que o aceitam como o Tesouro de suas vidas.

* * *

A linhagem de Jesus Cristo é mais profunda do que as linhagens raciais. A morte e ressurreição do Filho de Deus pelos pecadores é o único poder suficiente para reduzir as linhagens raciais a uma única linhagem, a linhagem da cruz.

* * *

Portanto, este livro tem um centro, um coração. Se eu tivesse que sintetizá-lo, recomendaria a você os capítulos 6, 9, 15 e a conclusão. No entanto, o coração não existe fora de um corpo. Por isso, todo o restante do livro é importante.

Eu conto minha triste e grata história nos capítulos 1 e 2 e preparo o palco em termos globais no capítulo 3. No capítulo 4, explico por que as relações entre brancos e negros ganharam tanto destaque, quando temos um panorama contemporâneo de diversidade que é bem mais complexo. O capítulo 5 me leva a perceber como é difícil compreender as complexidades das causas pessoais e estruturais que levam aos preconceitos relacionados à raça. Penso, porém, que é melhor buscar compreender, ainda que seja difícil, do que desistir de antemão.

O capítulo 6 é o centro em que o evangelho resplandece como a cura dada por Deus para dez realidades fatais que se encontram na raiz dos conflitos raciais. Os capítulos 7 a 14 apresentam a exposição bíblica que se encontra no fundamento de todo o resto. O capítulo 15 volta-se para a questão do casamento inter-racial, o qual, segundo penso, é justamente o que está sob a superfície de muitas das tensões raciais. E o capítulo 16 lida com a inevitabilidade e a necessidade da formação de pré-julgamentos e como estes estão relacionados aos preconceitos negativos.

* * *

Ora, temos histórias para contar, problemas para resolver, complexidades sobre as quais ponderar, mas no final a boa-nova do que Jesus fez ao morrer e ressuscitar por nossos pecados e para nos aproximar de Deus é o que fará toda a diferença. Somente Jesus pode reduzir as linhagens raciais a uma única linhagem, a linhagem da cruz, e nos trazer a paz. Tudo foi feito por ele e para ele (Cl 1.16). Portanto, a ele pertencerá a glória por isso também. “Todas as famílias das nações se prostrarão diante dele” (Sl 22.27).

* * *

Sou grato à minha esposa, Noél, e à minha filha, Talitha, pelo apoio que me deram durante o período em que escrevi este livro. E aos presbíteros da nossa igreja que, mais uma vez, tornaram este livro possível ao me conceder uma licença anual para escrever, além de uns dias a mais no caso desta obra, em função de seus desafios fora do normal. A David Mathis, meu presbítero

e companheiro, além de assistente pastoral executivo, que, juntamente com Nathan Miller, ajudaram a administrar minha vida e me socorreram inúmeras vezes, o que me liberou tempo para fazer a reflexão necessária e me dedicar à escrita. Por fim, às pessoas da igreja Bethlehem — um rebanho que amo pastorear e ao qual tem sido uma alegria servir. Sem a paz e companheirismo dessas ovelhas, eu jamais poderia florescer no ministério. Deus tem sido bom para comigo.

John Piper
Minneapolis, Minnesota
Quinta-feira da Paixão, 2011

UMA NOTA AO LEITOR A RESPEITO DE RAÇA E RACISMO

Sou um defensor ardoroso de definições claras. Gosto de saber a respeito do que estou falando. Se você preferir apenas captar ao longo da leitura aquilo que estou querendo dizer, sinta-se à vontade para pular esta seção e ir direto à introdução. Para falar a verdade, histórias são sempre mais interessantes.

Acredite você ou não, a própria existência de uma realidade conhecida como *raça* é objeto de controvérsia. Estou falando sério. E isso acontece com pessoas muito sábias, a quem admiro. Trato dessa questão no apêndice 1. E, evidentemente, o termo *racismo* também é ambíguo.

Pareceu-me um bom sinal desejar que o termo *raça* não existisse. Ele não tem servido muito para melhorar as relações humanas. Da forma como costumamos usá-lo, não é uma categoria bíblica. Podemos até não conseguir nos comunicar atualmente sem esse termo, mas podemos ao menos tentar mostrar que é um termo vago, que tem sido usado com frequência pela ideologia com propósitos racistas.

A RAÇA É MAIS COMPLEXA DO QUE A COR — E NÃO MENOS

No entanto, neste livro, procurei não abandonar os termos *raça* e *racial*. Por mais significados que eles possam trazer consigo, estão incrustados em nossa linguagem e em milhares de livros, artigos, sermões, palestras e diálogos que compõem o mundo com o qual devemos nos relacionar. Não há como escapar disso historicamente falando, e nos dias de hoje os problemas que enfrentamos são concebidos ao longo das linhagens raciais, que são entendidas, sobretudo, como linhagens de cor.

Por exemplo, em 1899, W. E. B. Du Bois fez um discurso na Primeira Conferência Pan-africana, no Westminster Hall, em Londres, que começava assim:

O problema do século xx é o problema das linhagens de cor, a questão de até que ponto as diferenças de raça — que se revelam principalmente pela cor da pele e textura do cabelo — servirão, de agora em diante, como base para negar a mais da

metade do mundo o direito de compartilhar, o máximo possível, das oportunidades e privilégios da civilização moderna.¹

Não invejarei Du Bois pelo uso do termo *raça* nesse sentido. Isso é história. E ainda é o modo como a questão racial é poderosamente formulada hoje. A menos que eu explicitamente diferencie *raça* e *racial* de *etnicidade* e *etnia*, gostaria de que você, leitor, pensasse em ambos quando eu mencionar qualquer um deles — ou seja, na *etnicidade* com um componente físico e na *raça* como um componente cultural. Com bastante frequência, uso esses termos em conjunto para extrair essa combinação de ideias.

O RACISMO VALORIZA UMA RAÇA EM DETRIMENTO DE OUTRA

Com respeito ao termo *racismo*, é possível que a pessoa se veja tão envolta em uma série de nós que lhe pareça desanimador defini-lo. Há alguns anos, gastamos meses com a equipe de pastores de nossa igreja tentando chegar a uma definição aceitável. Jamais pensei que definir uma simples palavra pudesse ser tão difícil. Mas desatarei esse nó simplesmente decidindo usar a definição de outra pessoa.

No verão de 2004, a denominação presbiteriana dos Estados Unidos chegou a um consenso quanto à seguinte definição, que a meu ver é muito útil: “O racismo é uma crença ou prática explícita ou implícita que qualitativamente distingue ou valoriza uma raça em detrimento de outras”.² Embora eu tenha dito anteriormente que uso o termo *raça* com conotações culturais (*etnicidade*), no que diz respeito a essa definição estou pensando em raça em termos de características físicas. Estou fazendo uma distinção entre *raça* e *etnicidade*.

A razão disso é que, uma vez que *etnicidade* abrange crenças, atitudes e comportamentos, somos bíblica e moralmente obrigados a valorizar certos aspectos de algumas etnicidades em detrimento de outros. Naquilo em que essa valoração estiver verdadeiramente arraigada no ensino bíblico sobre o bem e o mal, isso não deve ser chamado *racismo*. Existem, em todas as culturas, inclusive na nossa própria cultura (qualquer que seja ela), aspectos pecaminosos que

¹W. E. B. DU BOIS, “To the Nations of the World”, *Great Speeches by African Americans*, ed. James Daley. Mineola: Dover, 2006, p. 85.

²“Comitê sobre Missão para a América do Norte, Carta pastoral sobre racismo, aprovada em março/2004, no encontro do comitê MNA, como recomendação do comitê à 32ª Assembleia Geral”. Disponível em <http://www.pca-mna.org/churchplanting/PDFs/RacismPaper-Final%20Version%2004-09-04.pdf>.

precisam ser transformados. Assim, a definição de *racismo* proposta aqui deixa espaço para a avaliação de culturas com base em um padrão bíblico.

O foco dessa definição de *racismo* está no *coração* e no *comportamento* do racista. O *coração* que acredita que uma raça tenha mais valor do que outra é um coração pecador. E o pecado que ele comete é chamado *racismo*. Esse foco pessoal sobre o termo *racismo* não exclui a expressão desse pecado de maneiras estruturais — por exemplo, em leis e políticas que aviltem ou excluam pessoas com base na raça. (Veja o capítulo 5, em que abordo a questão do racismo estrutural.)